

LUCIANA BENATTI  
MARCELO MIN

# PARTO *com* AMOR

Em casa, com parteira, na água, no hospital.  
Histórias de nove mulheres que vivenciaram  
o parto humanizado.



© 2011 Luciana Benatti e Marcelo Min

Diretor editorial  
*Marcelo Duarte*

Coordenadora editorial  
*Tatiana Fulas*

Assistente editorial  
*Vanessa Sayuri Sawada*  
*Juliana Paula de Souza*

Assistente de arte  
*Alex Yamaki*

Projeto gráfico  
*Vanessa Sayuri Sawada*

Revisão  
*Vivian Miwa Matsushita*

Impressão  
*Cromosete*

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Benatti, Luciana

Parto com amor – Em casa, com parteira, na água, no hospital: Histórias de nove mulheres que vivenciaram o parto humanizado/ Luciana Benatti e Marcelo Min. – 1.ed. – São Paulo: Panda Books, 2011. 228 pp. il.

ISBN: 978-85-7888-105-4

1. Parto (Obstetria). 2. Parto natural. 3. Parto natural – Obras ilustradas.  
4. Nascimento – Obras ilustradas. I. Min, Marcelo. II. Título.

11-0923

CDD: 618.4  
CDU: 618.4

2011

Todos os direitos reservados à Panda Books

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./ Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

twitter.com/pandabooks

blog.pandabooks.com.br

Visite também nossa página no Facebook e no Orkut.

A minha avó Aurora e minha mãe Cecília,  
que me fizeram uma mulher corajosa.

*Luciana*

A Yo Soon, minha mãe querida.

*Marcelo*

# AGRADECIMENTOS

Aos casais que compartilharam momentos tão íntimos e especiais conosco e com nossos leitores. Denise e Lauro, Vanessa e Ricardo, Andréia e Marcelo, Renata e Caio, Josy e Mário, Isadora e Márcio, Eva e Neo, Erika e Glauber, seremos sempre gratos por terem nos confiado esse capítulo tão importante da história de vocês.

À parteira Ana Cristina Duarte, uma pessoa realmente capaz de mudar o mundo.

À obstetra Andrea Campos e às parteiras Márcia Koiffman e Priscila Colacioppo, que nos abriram as portas desse universo e nos permitiram registrar seu trabalho com a independência e a autonomia que requer o bom jornalismo.

Aos obstetras Jorge Kuhn, Esmerinda Cavalcante (Mema), Carla Polido e Melania Amorim, à doula (e futura parteira) Cristina Balzano, aos pediatras Honorina de Almeida (Nina), Carlos Eduardo Correa (Cacá) e Ana Paula Caldas Machado, ao anestesista Carlos Eduardo Martins, à obstetra Leila Rosa Carvalho e à enfermeira Mayra Calvette pelo respeito e carinho que dedicam às mulheres e aos bebês em seu trabalho cotidiano.

A toda a equipe da Casa do Parto de Sapopemba, em especial a Cristiane Oliveira, Flora Maria Barbosa, Ana Sirlei Maldonado e Maria Yukie Takahashi.

A Anke Riedel, Regina Wrasse, Romilda Dias, Rosilene Rosa, Meire Almeida, toda a equipe e usuárias da Casa Angela, por acolher nosso trabalho e nossa exposição de fotos.

Às pediatras Sandra Regina de Souza e Andrea Spinola, pela forma emocionante e competente como receberam nossos filhos ao nascer.

Aos amigos Araci Queiroz, Daniela Hirsch, Marianne Wenzel, Bruno Tapajós, Eliane Brum, André Sarmento, Rogério Albuquerque, Lúcia Evangelisti, Guilherme Azevedo, Roberta Bencini, Juliana Vidigal, Márcia Carini, Anna Carolina Russo, Camila Pastorelli, Brígida Rodrigues, Sandra Lourenço, Ricardo Mendonça, Patrícia Fioravante, Beto Junqueyra, Neusa de Micheli, Claudete Atanásio, Fátima Reis e aos nossos irmãos Rogério e Sandra.

A Dani Buono, Tatiana Tardioli, Ana Lúcia Keunecke, Patrícia Samora, Priscila Ariani, Irene Nagashima, Taís Viana, Alexandra Swerts, Katia Barga, Marcelly Ribeiro, Mariana Tezini, Viviane Coentro, Maria Fernanda Zipinotti e todas as mães da lista Materna, cujas conquistas são fontes diárias de inspiração para nosso trabalho.

Às amigas Roselene Nogueira, Sabrina Feldman e a todas as mulheres que fazem a rede Parto do Princípio.

Aos casais Ilka e Márcio, Amanda e Ronaldo, Marina e Diego, Luana e Horácio, Flávia e Walter, que nos deram a honra de fotografar o nascimento de seus filhos.

Ao professor Hugo Sabatino e à doula Lucia Caldeyro, do Grupo de Parto Alternativo do Caism, aos docentes do Departamento de Enfermagem, em especial à professora Antonieta Shimo, e à equipe do Espaço das Artes da FCM por nos receberem tão bem na Unicamp.

Ao querido Luiz Carlos Cardoso, pelo incentivo e as sugestões que nos permitiram aprimorar o texto final.

À designer Célia Hanashiro, criadora do logotipo Parto Com Prazer, por dar forma às nossas ideias.

Aos nossos pais Cecília e Jair, Yo Soon e Chan, com quem aprendemos a ser filhos.

Aos nossos filhos Arthur e Pedro, que nos ensinam diariamente a ser pais.

# SUMÁRIO

|                                 |     |
|---------------------------------|-----|
| Um convite à coragem.....       | 8   |
| Apresentação.....               | 10  |
| Luciana, Marcelo e Arthur.....  | 14  |
| Denise, Lauro e Alice.....      | 36  |
| Vanessa, Ricardo e Mariana..... | 60  |
| Renata, Caio e Lara.....        | 78  |
| Andréia, Marcelo e Maura.....   | 102 |
| Josy, Mário e Sofia.....        | 124 |
| Isadora, Márcio e Lia.....      | 146 |
| Erika, Glauber e Théo.....      | 168 |
| Eva, Neo e Pedro.....           | 192 |
| Epílogo.....                    | 218 |
| Para saber mais.....            | 223 |
| Glossário.....                  | 227 |

# UM CONVITE À CORAGEM

Este é um livro emocionante, para ser lido com grande delícia. São narrativas de parto em que as mulheres assumem seu papel de protagonistas da aventura de viver e buscam um compromisso consciente, ético e (por que não?) estético com a experiência da maternidade.

A ideia de um parto prazeroso é para muitos uma heresia: no parto, a mulher deve pagar por seus pecados. Se ela, ao contrário, pode ter prazer físico e emocional, todo o nosso sistema de crenças está ameaçado. E se o parto, como construto da cultura sexual e reprodutiva que é, ao invés de um evento medonho, doloroso, danoso à saúde e à sexualidade, tal como defende a crença médica e religiosa hegemônica, puder ser um evento potencialmente saudável e prazeroso?

Neste livro, o parto é entendido, reinterpretado, como integrante da experiência sexual, erótica da mulher (e, quando existe, do casal), à semelhança do que vários autores defendem há décadas. É isso que vem dizendo um renovado movimento internacional de mulheres – e homens – que se espalha rapidamente pelo mundo, na esteira de livros, filmes, websites e redes sociais sobre o tema.

Finalmente, as mulheres estão falando com clareza que, sim, pode haver grande prazer físico e emocional na experiência corporal do parto. Como dito por muitas no *Parto orgásmico*, documentário citado por algumas delas, as mulheres têm receio de contar sobre a parte boa do parto, diante do sofrimento de outras mulheres. É preciso coragem. Assim como é preciso muita coragem para viver o parto de forma respeitosa, empoderada, com a mulher no centro da assistência. Este é um livro sobre mulheres corajosas.

Elas se recusaram à infantilização, à paternalização, à imposição do silêncio que amavelmente manda a mulher calar a boca quando expressa suas dúvidas ou preferências. Como disse um médico: “Por que você está tão preocupada com o parto? Cuide das roupinhas e da decoração do quarto e deixe que do parto cuide eu”. Mulheres que recusaram o conforto da ignorância passiva, obediente. É um feito extraordinário em uma cultura que premia a subserviência feminina e pune a curiosidade e a ousadia, especialmente das mães. A ameaça de problemas com o bebê é capaz de paralisar a mãe mais corajosa: numa das histórias, um médico quis convencer a mulher a fazer uma cesárea com 35

semanas, pois o coração do bebê poderia... “deixar de bater”. A mãe fugiu e o bebê nasceu quando quis, exatamente um mês depois.

São mulheres que não aceitaram uma assistência ao parto baseada no medo e no desconhecimento. Mulheres que quiseram saber por que a anestesia é obrigatória (“não existe parto sem anestesia”, diz o médico de uma delas). Leram que não há evidências científicas justificando o corte de sua vagina (episiotomia) ou demonstrando que o cordão no pescoço é indicação de cesárea. Se essas intervenções e tantas outras não se apresentam cientificamente como benefício da mãe ou do bebê, por que os médicos as impõem a todas? Boa pergunta.

Diante dessas incertezas, elas encontraram muitas redes sociais, virtuais ou presenciais, de mulheres como elas, que se perguntavam: o parto é mesmo esse martírio todo ou é tornado um martírio pelos procedimentos obsoletos, dolorosos, arriscados, que são impostos apesar das evidências de que não devem ser usados de rotina? Por que o parto é tornado uma experiência muito mais penosa e arriscada do que pode ser? A quem interessa a “pessimização” do parto? E por que aceitar apenas esta alternativa: um parto vaginal traumático com intervenções obsoletas e agressivas ou uma cesárea? Essas mulheres tiveram a coragem de rejeitar.

Mais do que isso, quiseram viver o parto como um evento de saúde e, sim, de prazer, de êxtase, de glória. Claro, nada disso exclui o fato de haver dor e esforço envolvidos na experiência. Uma dor fisiológica e útil, suportável, não a provocada por drogas como ocitocina para aceleração das contrações, pela imposição de posições desconfortáveis ou por uma episiotomia desnecessária. Essas mulheres reservam para si a decisão sobre se querem ou não sedativos para a dor, recusam a sua imposição.

São histórias encantadoras, complexas, mostrando as idas e vindas das descobertas e dos impasses; seu enfrentamento, o esforço, as recompensas, as delícias, a alegria, a magia de viver esse momento com sua presença total, física e emocional, ao lado das pessoas de sua confiança. As fotos são magníficas em sua sutileza no que se refere aos delicados, intensos, complexos sentimentos envolvidos. Um livro imperdível, extraordinário, com grande capacidade de inspirar a coragem naquelas mulheres e naqueles homens que adentram a aventura da gravidez, do parto e da parentalidade.

**SIMONE G. DINIZ**

médica e professora doutora da Faculdade de  
Saúde Pública da Universidade de São Paulo



# APRESENTAÇÃO

Este é um livro que reúne histórias de mulheres para mulheres. Revela a trajetória percorrida por nove mães – entre elas a autora – para conquistar o parto desejado. Seus medos, fraquezas e dificuldades estão aqui expostos da mesma forma simples e sincera com que suas alegrias e vitórias são compartilhadas. O instante do nascimento, as horas que o antecederam e os primeiros momentos de vida do bebê são eternizados em fotos que transbordam emoção.

Luciana, Denise, Vanessa, Renata, Andréia, Josy, Isadora, Erika e Eva trilharam caminhos diferentes, únicos. Mas com um objetivo em comum: ter um parto prazeroso e seguro, além de oferecer uma acolhida respeitosa a seus filhos. Conseguiram o que queriam, superando, um a um, os obstáculos. Reais ou imaginários. Inerentes às circunstâncias, impostos pelos outros ou criados por elas mesmas. Cada uma à sua maneira, são todas vencedoras. Permitiram-se viver o desconhecido, que se revelou sublime e transformador. Cresceram como mulheres.

As crianças Arthur, Alice, Mariana, Lara, Maura, Sofia, Lia, Théo e Pedro vieram ao mundo num clima de amor e respeito. Nasceram onde as mães se sentiam mais à vontade: no hospital, em sua própria casa ou na casa de parto. Desembarcaram neste mundo em verdadeiros rituais de celebração da vida.

As escolhas dessas mães são resultado de sua história pessoal. Não são melhores nem piores que as de outras mulheres. Não estão certas nem erradas. Por isso, esperamos que sejam encaradas não como modelo, mas como fonte de inspiração e de coragem para que você, leitora, escreva a sua narrativa pessoal. Intensa, singular e, por isso mesmo, especial.

Este livro pretende mostrar uma alternativa. Possível, viável, porém um pouco mais difícil de alcançar, pois ainda distante da realidade da maioria dos consultórios médicos, maternidades e hospitais brasileiros.

Muito do que se ouve sobre parto são relatos tristes, de mulheres traumatizadas, gratas apenas por terem sobrevivido ao que consideram um verdadeiro tormento. Nós, ao contrário, acreditamos que o parto pode ser uma vivência prazerosa na vida da mulher e da família. Essa é a nossa verdade não apenas como autores e jornalistas, mas também como pais.

É com tristeza que percebemos essa associação de parto e sofrimento. Sinônimo de dores excruciantes e riscos imprevisíveis, o parto se tornou uma provação que muitas gestantes (e seus médicos) não se sentem preparadas para enfrentar. Com isso, perdem algo importante.

Há também quem diga que o parto normal não tem nada de natural. É verdade. Nas últimas décadas, a mudança do cenário do parto, de casa para o hospital, e as tentativas de domesticar esse acontecimento natural resultaram num parto aprisionado em protocolos médicos. Cheio de intervenções desnecessárias, dolorosas e muitas vezes humilhantes, o parto se transformou em um risco a ser evitado a qualquer custo. Quantas de nossas mães, amigas e colegas de trabalho, querendo nos proteger do tratamento brutal que receberam, não nos aconselham a marcar a cesárea, antes mesmo de sentir as primeiras dores?

Essa visão do parto como algo negativo está muito presente também entre os profissionais da saúde. Convencidos de que a cirurgia é a melhor opção, muitos obstetras que atendem nas melhores maternidades do país desistiram de acompanhar partos. As estatísticas não deixam dúvidas: nas cinco mais conceituadas maternidades particulares de São Paulo, os índices de cesariana são superiores a 80%, segundo os números do Sistema de Informações de Nascidos Vivos (Sinasc). A taxa recomendada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) é de no máximo 15%. A realidade não é muito diferente em outras cidades do Brasil.

No entanto, são raros os médicos que falam disso às claras para suas pacientes. O que mais se encontra são discursos pró-parto normal. Falas vazias, contrariadas pela prática cotidiana, que induz à cesárea sem motivo, com dia e hora marcados. Ao longo da pesquisa para este livro, conhecemos inúmeras mulheres que caíram na cirurgia sem necessidade. Algumas levaram anos para digerir a frustração de terem sido privadas de um importante momento de sua vida. Felizmente, muitas conseguiram o parto que sonhavam, depois de uma, duas ou até três cesáreas, contrariando todos os que lhes disseram ser algo impossível.

Os mecanismos que levaram ao atual cenário são complexos, e devem ficar um pouco mais claros com a leitura deste livro. Embora tenhamos optado por não aprofundar a discussão sobre o modelo obstétrico brasileiro, algumas pistas que ajudam a entendê-lo melhor surgem ao longo dos relatos. Sabemos que destinar à medicina o papel de vilã e às mulheres o de vítimas seria simplificar demais a questão. Por outro lado, não aceitamos a visão corrente de que só o médico saberá dizer o que é melhor para cada uma, cabendo a ele a última palavra.

O direito de escolher como quer dar à luz é da mulher. Mas esse direito fica seriamente comprometido quando a informação que ela recebe se baseia na experiência pessoal do médico e carece de comprovação científica. Como é o caso da maioria das intervenções de rotina praticadas diariamente nos partos hospitalares. Soro com hormônio para acelerar as contrações e cortes na vagina para facilitar a saída do bebê são exemplos de procedimentos que deveriam ser adotados com extrema cautela. Ao invés disso, fazem parte do pacote padrão imposto à maioria das mulheres nos hospitais.

Para poder escolher, é preciso primeiro dispor de informação de qualidade. Isso, que se tornou artigo raro nas consultas de pré-natal, está disponível gratuitamente nos grupos de apoio espalhados pelo Brasil, nos quais grávidas, mães e seus parceiros se reúnem para trocar experiências.

Como pais, buscamos ajuda no Gama (Grupo de Apoio à Maternidade Ativa), em São Paulo, pouco antes do nascimento de nosso primeiro filho, Arthur, em novembro de 2007. As informações a que tivemos acesso por intermédio desse grupo nos deram tranquilidade para que ele nascesse em um parto natural na água. As histórias que ouvimos e as pessoas que conhecemos nas reuniões, aí incluídas as protagonistas deste livro, nos ajudaram a construir a nossa própria narrativa, que você vai ler a seguir, no primeiro capítulo, e também no epílogo.

No dia em que nosso filho completava dois meses, registramos o parto domiciliar de Denise. Quatro dias depois foi a vez de Vanessa, que teve um parto hospitalar rápido e tranquilo. Publicadas inicialmente no Fotogarrafa, o site de fotografia do autor, essas primeiras fotos despertaram reações muito positivas, que nos incentivaram a continuar. Renata foi a última personagem que convidamos a participar do projeto. Daí em diante, à medida que as imagens se tornavam conhecidas no grupo de gestantes, as próprias mulheres passaram a nos procurar. Foi assim com Andréia, Josy, Isadora e Erika.

Nesse ponto, com a ajuda do acaso, já havíamos reunido uma boa variedade de partos: hospitalares e domiciliares, assistidos por médicos e por parteiras, de primeiro, segundo e terceiro filho, com analgesia e sem ela. A maioria, porém, com atendimento particular. A única exceção era Josy, que optara por um parto domiciliar, tendo como plano B um hospital público, para onde foi transferida após muitas horas de trabalho de parto em casa.

Faltava uma opção 100% pública. Sabíamos que a melhor alternativa oferecida pelo SUS era a Casa do Parto de Sapopemba. Encontramos Eva, que lá pretendia ter seu filho, em uma lista de discussão na internet. Pedro nasceu na Páscoa de 2009. Com

sua história, pensávamos em terminar este trabalho. O tempo passou e, em setembro de 2010, quando ainda não havíamos finalizado a edição, outro Pedro nasceu. Em um parto íntimo, na sala de sua casa, na presença do irmão Arthur, então com três anos. Agora sim: com essa história, do nascimento de nosso filho mais novo, contada no epílogo, encerramos este livro.

Ao editá-lo, alinhavamos os nove partos em ordem cronológica, para que você possa refazer o nosso caminho e entender melhor os motivos de nosso segundo parto ter sido em casa, apesar da experiência tão rica no primeiro, hospitalar.

A escolha das outras oito famílias nos deu uma amostra representativa. De modo geral parecidos, cada relato tem nuances únicas, que formam um bom panorama do parto humanizado, entendido como aquele em que a mulher é a protagonista.

Produzido por um casal de jornalistas – uma repórter e um fotógrafo –, este livro tem um caráter documental. As cenas são reais, aconteceram na sequência em que estão publicadas, e com o mínimo possível de interferência. Os depoimentos foram colhidos meses depois, em entrevistas gravadas, realizadas na casa de cada personagem.

Diferentemente dos relatos de parto escritos pelas próprias mães, os depoimentos a seguir passaram por um processo de edição, a critério da autora. O texto final foi aprovado por todas, como manifestação fiel de seu ponto de vista.

Os casais acompanharam cada etapa de produção, tiveram acesso prévio às fotos e aos textos e autorizaram a sua publicação. Concordaram em compartilhar momentos tão íntimos para oferecer a outros a mesma possibilidade que tiveram: viver um parto com prazer.

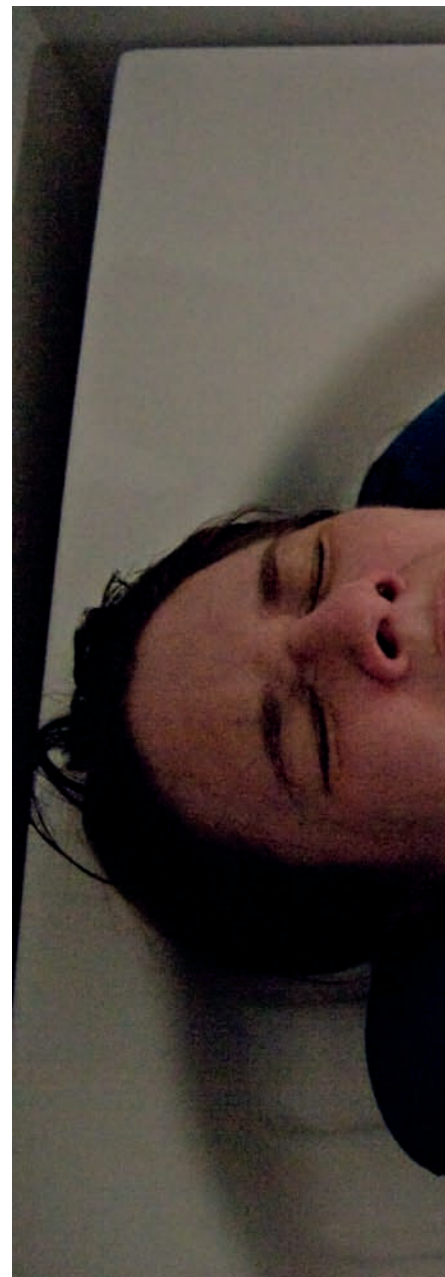
Este livro não teria sido possível sem a generosidade dos profissionais que atenderam os partos e que não só nos apresentaram os bastidores do movimento da humanização, como também nos permitiram fotografar seu trabalho, sem impor condições ou restrições de qualquer tipo. Como o nosso foco sempre esteve na vivência das mulheres e não na atuação das equipes, optamos por não dar o nome dos profissionais nos relatos, mas apenas na página de agradecimentos, como expressão de nosso reconhecimento e gratidão.

Todos os partos aconteceram na cidade de São Paulo, entre novembro de 2007 e setembro de 2010. Boa leitura.

LUCIANA BENATTI E MARCELO MIN

# LUCIANA, MARCELO & Arthur

“Como a maioria das mulheres, eu queria o parto normal. No finalzinho da gravidez, depois de me informar bastante, criei coragem para trocar de médico. Marcelo apoiou a decisão. Arthur nasceu na água, na suíte de parto de uma maternidade particular.”





**Nunca tive vontade de falar de parto. Antes de pensar em engravidar,** esse era um assunto incapaz de despertar meu interesse. Parto normal ou cesariana, que diferença isso faz? O que importa é o bebê nascer bem e saudável, eu pensava.

Sobre o meu nascimento, sabia apenas que tinha sido uma cesárea, por sofrimento fetal. Sempre que minha mãe falava disso, sua voz ficava embargada e os olhos cheios de lágrimas. Para mim era um grande exagero, afinal, aquele bebê em perigo sobrevivera e estava aqui, firme e forte, para ouvir a história.

O nascimento do meu irmão, um ano e sete meses depois, teve um desfecho diferente. Assim como da primeira vez, minha mãe queria muito o parto normal. E conseguiu. Mas a experiência boa teve também um lado difícil: o fórceps (instrumento metálico usado para tracionar o bebê) machucou o nariz dele, e a episiotomia (corte que aumenta a abertura da vagina) inflamou alguns dias depois do parto.

Minha primeira gravidez, aos 32 anos, foi desejada e planejada, embora eu tenha passado boa parte da vida dizendo a mim mesma, e a quem perguntasse, que não queria ter filhos. A mudança aconteceu, de uma hora para a outra, pouco antes de completar trinta anos.

Quando resolvi engravidar, minha primeira providência foi marcar uma consulta com a ginecologista do plano de saúde. Embora eu costumasse visitá-la uma vez por ano para os exames de rotina, as consultas eram rápidas e não tínhamos nenhum vínculo especial. Pouco tempo depois, agendei um horário com minha médica de confiança, em Campinas, SP, onde nasci.

A primeira encaminhou-me para os exames de praxe e me receitou ácido fólico (vitamina essencial para o desenvolvimento do feto). A segunda, com quem tenho uma relação de muita confiança, conversou bastante comigo sobre a gravidez. Pedi-lhe que me indicasse um obstetra em São Paulo, já que não gostaria que o parto fosse feito pela médica do convênio. Para minha surpresa, em vez de um médico em especial, ela me recomendou procurar uma ONG chamada Coletivo Feminista. Na hora não entendi muito bem por quê.

